

CAPÍTULO 8

A ARTE DE *DAR UMA ANALISADA* EM CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Pâmela Fagundes Travassos

8.1 *DANDO PARTIDA* NO ESTUDO DE CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Quando entramos em uma loja e o vendedor oferece ajuda, quem nunca disse a frase “obrigado, mas estou ‘dando só uma olhadinha’”? Ou, ainda, se decidimos comprar um produto, quem nunca “deu uma pechinhada boa” ou “deu aquela choradinha” no preço? No trânsito, reclamamos quando alguém nos “dá uma fechada” e, então, temos que “dar uma freada brusca”. Quando queremos aprender uma receita nova e nos dirigimos para vídeos de culinária, ouvimos, frequentemente, “é só ‘dar uma tostada’” no bife, “dar uma defumada” na carne. Em *blogs* voltados para a moda e para o autocuidado, por vezes, vemos instruções acerca de como “dar uma enrolada” no cabelo, de como “dar uma esfumaçada” nos olhos e encontramos dicas daquela blusa que “dá aquela alongada boa”, deixando mais elegante. Lemos, frequentemente, em jornais, referência a políticos que “dão alfinetadas” nos concorrentes, fazendo críticas perspicazes. No campo da economia, observamos estratégias de especialistas para “dar uma freada” nos preços, para “dar uma desacelerada” na inflação. E, também em contextos mais formais: em uma defesa de dissertação ou tese, por

exemplo, encontramos essas construções quando a banca diz que é necessário “dar uma pesquisada” melhor em um determinado assunto, “dar uma olhada” em novas referências teóricas, por exemplo.

Percebemos, portanto, que essas estruturas estão por toda parte na língua. Que tal “darmos uma pincelada” no modo como essas expressões funcionam e “darmos uma analisada” nos diversos valores que indicam, bem como nos seus efeitos de sentido? Expressões desse tipo são chamadas, em estudos linguísticos, de “construções com verbo suporte” (ou, ainda, de “perífrases verbo-nominais”, de “predicadores complexos”). A justificativa para essa nomenclatura reside no fato de que essas estruturas são formadas por um verbo que funciona como suporte/apoio a um elemento não verbal, normalmente, um nome/substantivo. Os verbos suporte indicam determinadas categorias gramaticais, como o tempo verbal, o modo verbal, o aspecto, o número e a pessoa, além de apresentarem um sentido mais geral (ação, estado, processo etc.). Por sua vez, o elemento não verbal revela um sentido mais específico, contribuindo de forma significativa para a semântica do todo.

Assim, verbo mais nome [V + nome] formam um todo de forma-sentido que tem função semântica e sintática. Juntos, esses elementos selecionam participantes de uma cena do mundo e atribuem sentidos/funções a esses participantes, tal como de agente, de paciente e outros. Dizemos, então, que são uma unidade predicante. Predicar é representar, por meios linguísticos, um evento do mundo; é tornar, na mente, a cena completa, com todos os elementos necessários, para fazer sentido. Por exemplo: quando pensamos no evento de “comer”, precisamos, necessariamente, de alguém que come e de algo que é comido. Então, temos uma sentença como “João ‘comeu’ o bolo”. Nesse caso, o verbo “comer” funciona, sozinho, como o elemento predicador que seleciona os participantes necessários para a cena ser completa de sentido (com “João” e com “o bolo”). Dizemos, então, que esse verbo é simples ou pleno. No entanto, em uma frase como “João ‘deu uma beliscada’ no bolo”, é a construção com verbo suporte “dar uma beliscada” que seleciona os elementos da cena (“João” e “no bolo”), relacionando essas entidades.

As construções em foco aqui são as formadas com o verbo DAR acompanhado de um nome com uma dessas terminações: *-[a/i]da*, *-[a/i]dinha*, *-adela* e *-(z)inh[o/a]*, como em “dar uma olhada”, “dar partida”, “dar uma pintadinha”, “dar uma fugidinha”, “dar uma escapadela” e “dar um rolezinho”. Esse recorte se justifica, na medida em que busca preencher uma lacuna existente na literatura quanto à descrição dessas construções com esses sufixos. Embora estruturas desse tipo sejam bastante frequentes na língua, geralmente, têm pouco ou nenhum espaço nas aulas de português e em gramáticas tradicionais. Quando são abordadas, por vezes, faz-se referência a elas como construções que só ocorrem na oralidade e em contextos de descontração, informalidade e intimidade. No entanto, se pensarmos em registro e modalidade, como um *continuum* (com graus diferentes), perceberemos que essas construções estão presentes não só em registro mais informal, nem somente na modalidade oral, pois também são encontrados em registro mais formal e na modalidade escrita (nos mais diversificados gêneros textuais). Os exemplos que seguem ilustram usos dessas estruturas em contextos diferentes:

Figura 1: Meme com construção *dar uma surtada*. Acesso em: 16/09/2020.

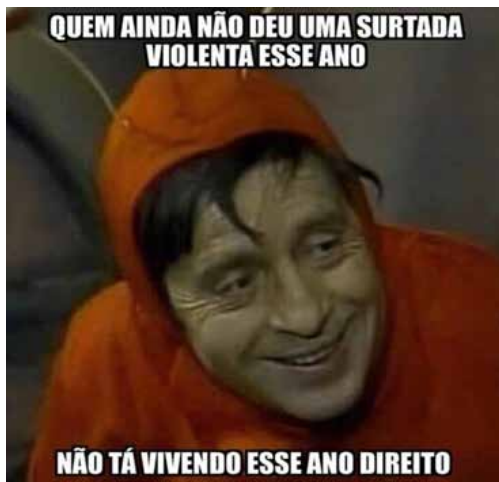


Figura 2: Trecho de livro científico no tema estatística em que se verifica a construção *dar uma olhada*. (MELLO, PAIXÃO, SOUZA e ZARA, 2019, em tradução de GRIES, 2019, p. 20, grifo meu)

Se você der uma rápida olhada no fenômeno de colocação de partícula, você irá notar que existe uma gama de variáveis que influenciam a escolha entre as duas construções. Uma variável é definida como um símbolo para um conjunto de estados, ou seja, um símbolo que, diferentemente de uma constante, pode exibir pelo menos dois estados ou níveis diferentes (cf. BORTZ, DÖRING, 1995, p. 6 ou cf. BORTZ, 2005, p. 6) ou, mais intuitivamente, um símbolo com propriedades descritivas (cf. JOHNSON, 2008, p. 4) ou como medidas de um item que podem ser numéricos ou categóricos (Evert, p.c.). As variáveis que podem influenciar a colocação das partículas são:⁵

A Figura 1 consiste em um *meme* com o uso da construção “dar uma surtada”. Geralmente, esse gênero textual circula em redes sociais, isto é, em contextos mais informais. A frase “Quem ainda não ‘deu uma surtada violenta’ esse ano não tá vivendo esse ano direito” faz menção ao ano de 2020, no qual a pandemia de covid-19 no mundo gerou mudanças bruscas de hábitos (tais como a quarentena em casa, a preocupação com a higiene e com os aparatos a serem utilizados nas saídas essenciais – máscara, luvas –). Essas alterações na rotina fizeram com que as pessoas estranhassem essa realidade, reagissem e se exaltassem diante dos estresses consequentes. Sendo assim, diante de tal cenário, segundo a interpretação que é possível ser feita do *meme*, é difícil, senão impossível, não “dar uma surtada”, ou seja, ter alguma perturbação psíquica naquele ano. O humor é gerado não só pela imagem de deboche do personagem Chapolin Colorado, mas também a partir de sua associação com a sentença em questão, pois é impossível viver aquele ano direito sem se deixar afetar em nada pelo transtorno causado, principalmente, pela pandemia (e, ainda, por outros acontecimentos). O adjetivo “violenta” contribui para a noção de intensidade da reação, para além da noção de brevidade do estresse relativamente momentâneo.

A Figura 2 é um trecho de um livro científico sobre estatística em que há o uso da construção “dar uma olhada”, indicando a brevidade do evento, a qual é reforçada pelo adjetivo “rápida”. Trata-se de um contexto mais formal e, portanto, mais monitorado linguisticamente e, ainda assim, encontramos o uso da construção com verbo suporte. Assim, no ensino do assunto que normalmente se faz, é importante que haja uma descrição mais condizente com usos reais de construções com verbo suporte nos mais diversos contextos, de modo a enfatizar os inúmeros valores e efeitos de sentido a que estão a serviço.

Segundo Machado Vieira (2003), o uso de perífrase verbo-nominal permite o alcance de sentidos, por vezes, não alcançados com o uso do verbo simples apenas (por exemplo: “O menino ‘deu uma joelhada’ no outro enquanto jogava futebol.”; não é possível alcançar o mesmo sentido com a frase “O menino “joelhou” o outro enquanto jogava futebol.”). Com o uso dessa construção, podemos:

fazer remissão textual (fez duas previsões), prescindir de complementação (vou fazer compras mais tarde); evitar clíticos (os pais se queixam/ fazem queixa da professora); intensificar o nome predicante em vez da ação/atividade (o barco fica sempre fazendo muito movimento/movimentando-se muito na água); ou atribuir valor reiterativo ao predicado por meio da pluralização do nome (fazendo consultas), entre outros efeitos discursivos (MACHADO VIEIRA, 2003, p. 90, grifo da autora).

Tais estruturas permitem maior adequação comunicativa, tendo em vista os objetivos almejados pelo usuário da língua e os papéis sociais exercidos pelo(s) interlocutor(es), assim como propiciam “maior versatilidade sintática” e “maior precisão semântica e efeitos na configuração textual” (MACHADO VIEIRA, 2003, p. 90). Ademais, podem ser utilizados como uma estratégia de convencimento, como uma forma de atenuação da responsabilidade, além de poderem indicar polidez e intersubjetividade, como veremos na próxima seção. Sabendo do alcance semântico-discursivo-pragmático que essas construções são capazes de provocar, os indivíduos podem utilizá-las, conscientemente, a partir de sua finalidade comunicativa. Desse modo, os sujeitos tornam-se não só mais autônomos, mas também mais competentes e habilitados no uso que fazem da própria língua, uma vez que conseguem priorizar, em seu repertório vasto de conhecimento linguístico, a escolha expressiva que melhor se adequa a cada circunstância.

8.2 QUE TAL DARMOS UMA EXPLORADA MAIOR NO ASSUNTO?

Por vezes, o valor mais frequentemente associado à construção em questão é o de brevidade/superficialidade (aspecto não durativo), tal como podemos observar no exemplo que segue:

Figura 3: Postagem em Twitter com construção *dar uma deitadinha*. Acesso em: 13/09/2019.

Tem tanta coisa da faculdade pra
fazer que não sei nem por onde
começar, acho que vou começar
dando uma deitadinha

No exemplo da Figura 3, há o uso da construção “dar uma deitadinha” para indicar o curto espaço de tempo que se pretende permanecer deitado, dormindo. O humor dessa postagem do Twitter reside na ideia de que, muito provavelmente, a intenção de deitar e dormir brevemente não se cumprirá e isto acabará por prejudicar o andamento das outras tarefas previstas (“tanta coisa da faculdade”).

Entretanto, as construções com verbo suporte em questão estão a serviço de diversos outros valores, tais como os que se materializaram nas seguintes instâncias:

(Ex. 1) O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, iniciou ontem sua viagem histórica à China dando uma alfinetada diplomática nas autoridades de Pequim. Pouco antes de partir, Clinton recebeu na Casa Branca, para uma entrevista, os três jornalistas da Rádio Ásia Livre que na véspera tiveram visto de entrada negado pelo Governo chinês. [http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=dar+uma+alfinetada]

No exemplo 1, encontramos o uso da construção “dar uma alfinetada diplomática” no domínio jornalístico (gênero textual “notícia”) para fazer referência a uma crítica sutil que o presidente dos Estados Unidos fez às autoridades de Pequim. Por se tratar de profissionais do mais alto escalão, é necessário que haja cuidado e polidez na forma com que os enunciados são pronunciados, uma vez que um mal-entendido poderia provocar até uma guerra entre as nações. Assim, está em jogo uma preocupação em preservar a face dos participantes do evento comunicativo (BROWN; LEVINSON, 1987; GOFFMAN, 1967). Desse modo, nessa notícia, essa construção foi utilizada de modo intersubjetivo, ou seja, levando em consideração o outro enquanto participante do evento comunicativo, assim como o contexto envolvido.

Figura 4: Manchete de notícia do jornal O Globo com construção *dar uma brincada*. Acesso em: 13/09/2019.

MÚSICA



NOVA MÚSICA, 'BRABA'

Sonza entrega sobre pole em clipe: 'Só dou uma brincada'

A Figura 4 é composta por uma manchete de notícia do jornal *online* O Globo com a sentença “Sonza entrega sobre pole em clipe: ‘Só ‘dou uma brincada’””. Nessa sentença, a construção “dar uma brincada” foi usada para indicar modalidade, na medida em que a cantora Sonza demonstra humildade e modéstia acerca do talento no *pole dance*. Há, portanto, uma atenuação de sua habilidade no reconhecimento de seu amadorismo, de forma a não parecer prepotente e a não ameaçar a própria face. Existe, desse modo, uma preocupação com a imagem que se quer passar aos outros. Apesar dos elogios que recebeu, ela reconhece não ser uma profissional desse tipo de ginástica. O uso de “só”, na frase, reforça essa atitude “humilde”. Estudos linguísticos, como o de Travassos (2019), mostram que usos dessas construções com verbo suporte com esse valor modal estão se tornando cada vez mais convencionalizados no português do Brasil.

Figura 5: Publicidade de lançamento de filme nos cinemas com construção *dar boas gargalhadas*. Acesso em: 30/12/2019.



Cinemark Brasil
Sponsored · 🌐

Saudades de dar boas gargalhadas com a Dona Hermínia? 😂 Não se preocupe, Minha Mãe É Uma Peça 3 chegou na Cinemark! Seus perrengues e reclamações estarão de volta do jeitinho engraçado que a gente adora. Garanta seu ingresso pelo App ou site e divirta-se!

Garanta seu ingresso direto com a gente e aproveite as melhores salas com os melhores combos 🍿 🍷 🎬

*Verifique a disponibilidade dos filmes no cinemark de sua preferência.

Na Figura 5, a construção “dar boas gargalhadas” foi usada em uma publicidade de lançamento do filme *Minha mãe é uma peça 3* nos cinemas da rede Cinemark. Tal filme é de comédia e, portanto, gera o riso. Para chamar a atenção, despertar o interesse das pessoas para assistir ao filme e conquistar os leitores, a rede de cinemas utiliza a estrutura “dar boas gargalhadas”, de modo a evidenciar a intensidade do riso dos telespectadores que a ele assistirem.

(Ex. 2) Maluf promete Ministério ao PDS do Estado do Rio. –Se eu for Presidente, o PDS fluminense vai ter um Ministério. Essa promessa foi feita ontem pelo Deputado federal Paulo Maluf em encontros reservados com vários convencionais do Diretório do PDS do Rio. O compromisso foi reafirmado de público pelo presidenciável: –Anotem aí. O cargo de presidenciável é um só, mas para ministeriável há 19. – observou, sorridente, dando tapinhas no ombro do Presidente do PDS fluminense, Moreira Franco. [https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=dar+um+tapinha]

O exemplo 2, trecho de uma notícia (domínio jornalístico), ilustra o uso da construção “dar tapinhas”. Nessa instanciação, a construção está a serviço da marcação de aspecto reiterativo, isto é, da repetição do evento. Esse tipo de ação (“dar tapinhas nas

costas/ no ombro”) é popularmente conhecido como sendo uma atitude de políticos em época de campanha eleitoral em busca de aumento de popularidade e de troca de favores, tal como no exemplo, em que Maluf promete um cargo a outro político. A pluralização permitida pelo predicador complexo corrobora com a noção de repetição.

Figura 6: Publicidade de pizza com construção *dar largada*. Acesso em: 27/06/2020.



Já na Figura 6, a perífrase verbo-nominal “dar (a) largada” foi utilizada para indicar a noção de início (aspecto inceptivo). Trata-se de uma publicidade presente na rede social *Instagram* que divulga a inauguração de novos sabores de pizza da rede Una, assim como o serviço de entrega domiciliar. O uso da construção “dar (a) largada” incentiva a compra de pizzas novas que, imagina-se, é esperada por muitos há um tempo.

Como vimos, portanto, as construções com verbo suporte têm potencial para a indicação de vários efeitos de sentido e podem ser acionadas para atuar na relação direta com o interlocutor, de modo que o locutor alcance seus objetivos comunicativos. Desse modo, é importante que esse tópico encontre lugar no ensino de Português. Ao buscarmos a abordagem do fenômeno em algumas Gramáticas Tradicionais (BECHARA, 1999; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2013), percebemos que somente Rocha Lima menciona estruturas perifrásticas, como as que estão aqui em foco. Segundo o autor (ROCHA LIMA, 2013, p. 308), essas expressões podem ser consideradas como “conglomerados”, como construções “‘verbo + objeto direto’ que equivalem muitas vezes a verbos simples”. Assim, ele focaliza na possibilidade de

equivalência entre predicador verbal simples e predicador verbal complexo, não indo além.

Por vezes, encontramos exercícios que solicitam a substituição da forma verbal complexa por uma forma verbal simples (com “equivalência” de sentido), como se o uso daquela fosse inadequado, independentemente do contexto, desconsiderando todas as particularidades que cada construção é capaz de fornecer, tais como a multiplicidade de sentido, a indicação de ponto de vista e o aspecto, por exemplo, assim como o fato de que, como visto anteriormente, nem sempre essa substituição é possível.

Além disso, sentenças sem contexto interacional e cotexto são recorrentes, o que é problemático, pois o contexto semântico-discursivo-pragmático é crucial para o entendimento dos sentidos envolvidos. Há, ainda, questões que enfatizam as construções com verbo suporte como sendo exclusivamente do registro informal e da modalidade oral e as construções com verbo simples como sendo mais formais e da escrita. Tal correspondência não é eficaz, uma vez que trabalhos linguísticos, como o de Travassos (2019), evidenciam que essas estruturas estão cada vez mais recorrentes na escrita e estão em processo de ganhar mais espaço em situações mais monitoradas, como no registro mais formal. Além disso, em gêneros mais recentes, a distinção entre fala e escrita se torna muito mais gradiente do que discreta.

8.3 DANDO UMA REFLETIDA SOBRE USOS ORAIS E ESCRITOS

Uma reflexão que se faz necessária é a relação da temática das perífrases verbo-nominais com o mundo da oralidade e da escrita, tal como apresentado brevemente na seção anterior e aqui, nesta seção, a ser exemplificado e analisado mais detalhadamente. Por se tratar de um recurso de predicação verbal da língua portuguesa bastante produtivo, o qual viabiliza muitos efeitos expressivos, acreditamos que está se espraiando para todo tipo de discurso (espaços sociolinguísticos) nas mais diversas situações sociocomunicativas. Assim, o usuário da língua instancia o predicador complexo a depender dos matizes discursivo-pragmáticos em jogo. O exemplo que segue é um trecho transcrito de uma entrevista oral (28/10/2013) no programa Roda Viva.

*(Ex. 3) D1: Estamos aqui, discutindo RC, como se ele fosse um guru cultural. Quem é RC no plano cultural, você me desculpa, eu sei que você é um admirador dele. Mas ele é apenas um cantor e compositor, não é um dos melhores que o Brasil já teve. (...) Devia se fazer é um protesto, boicotá-lo simplesmente. Porque um homem desses, não tem o direito de intervir na cultura de um país. Agora, infelizmente, ele tem o suporte de três figuras idolatradas, né? é Chico, Caetano e Gil e outros e que também dão um certo suporte que ele não tem pessoalmente. Então o país tem que **dar uma revertida** nisso, ter um homem que diz o que é certo e o que é errado em matéria de cultura.*

O exemplo 3 ilustra um uso da perífrase verbo-nominal “dar uma revertida” na modalidade oral (transcrito). O programa Roda Viva (TV Cultura) é conhecido pelos debates com entrevistados especialistas e personalidades das mais diversas áreas de conhecimento e caracterizado por sua sofisticação em termos de debate de alto nível. Trata-se, portanto, de um discurso mais monitorado linguisticamente e, ainda assim, encontramos a construção com verbo suporte. O entrevistado em questão, a quem o mediador se dirige, é Paulo Cesar de Araujo, jornalista e escritor. No contexto do exemplo 3, a perífrase verbo-nominal “dar uma revertida” foi utilizada para, de forma polida, fazer uma crítica ao país, que idolatra o artista Roberto Carlos (RC). Para o entrevistador, ele não é uma referência e, portanto, não deveria ser considerado como tal pela população brasileira. De forma a fazer a crítica sem ameaçar a própria face nem a dos admiradores de RC, ele utiliza a construção com valor modal. A seguir, há outro exemplo:

*(Ex. 4) No último caso apresentado, a queda teve uma influência nos ingressos para teatro e outros espetáculos, que caíram de 0,86% para 0,34%. Já os itens alimentícios que ajudam a **dar uma “freada”** no avanço de preços, estão as frutas que teve uma queda de 10,53% para 6,71%. Nos demais grupos, ocorreram aumentos em índices acima dos da pesquisa anterior. [<http://www.sidneyrezende.com/noticia/146538+precos+de+alimentos+ajudam+dar+uma+freada+na+inflacao+diz+pesquisa>]*

O exemplo 4, retirado do domínio jornalístico, tem o campo da “Economia” como temática, é permeado de dados percentuais (típicos do meio científico, de pesquisas monitoradas) e apresenta um breve panorama da movimentação dos preços de produtos e de serviços, assim como exhibe comentários sobre a inflação. Assim, nesse contexto, a construção “dar uma freada” foi usada para fazer referência à queda significativa dos preços no que diz respeito aos itens alimentícios. Desse modo, como vimos nos dois últimos exemplos, por mais que o contexto exija uma atenção maior à própria forma como as ideias serão transmitidas por meio do discurso, as construções com verbo suporte, ainda assim, têm presença marcada.

8.4 HORA DE DAR UMA BOA RESUMIDA NA TEMÁTICA

Assim, “dando uma pincelada” no que foi dito até aqui, é importante ter em mente que os predicadores complexos vão muito além da mera indicação de brevidade/superficialidade (aspecto não durativo), podendo indicar também intensidade, modali-

dade,¹ polidez, preservação de face,² aspecto reiterativo (repetição por meio da pluralização), aspecto inceptivo (noção de início), entre outros efeitos e valores na relação intersubjetiva com o interlocutor.

Ademais, as estruturas em foco não ocorrem somente na oralidade e em contextos informais, também estão ganhando território nos meios escritos e com um grau de formalidade maior (sempre tendo em mente a ideia de um *continuum* de registro e de modalidade).

8.5 VAMOS DAR UMA ENSINADA NO ASSUNTO EM AULAS DE PORTUGUÊS?

Tendo em vista as dificuldades encontradas no ensino de predicadores complexos, propomos, a seguir, dois exemplos de atividades que podem ser trabalhadas com os discentes em sala de aula. O público-alvo dessas questões são alunos do 3º ano do ensino médio.

Questão 1: Leia o texto abaixo. Em seguida, diga qual palavra ou expressão poderia substituir a construção “dar uma olhadinha” em sua opinião.

Questão 2: Observe as expressões em destaque. Geralmente, a construção *dar uma olhadinha* é associada a algum evento breve e superficial. Nesse texto, o autor refuta o uso dessa expressão a serviço dessa noção. A que outro valor/sentido, faz referência e como isso se relaciona à ideia central defendida no texto? Justifique.

Só uma olhadinha

Quer me deixar furioso, peça para eu dar “só uma olhadinha” no seu filho. Isto não existe gente! Só uma olhadinha não! Quando a criança tem algum problema de saúde, precisamos saber o que está acontecendo, quais os sintomas, o estado geral da criança. Por mais que seja apenas um resfriado, temos que ter certeza se a criança realmente está bem e se não há risco de evoluir para algum outro problema. Mesmo **avaliando** muito bem **avaliado**, há possibilidade de deixarmos passar coisa que não deve [já que pediatra também é humano]. Imagina dando só uma olhadinha!! Definitivamente não! Temos que ficar atentos a todos os sintomas da criança. Vômitos, por exemplo podem acompanhar qualquer tipo de infecção. Pode ser desde um alimento

1 “De acordo com Raposo (2013, cap. 18), modalidade é a expressão, mediante diversos mecanismos linguísticos, de atitudes e opiniões dos enunciadorees e das entidades referidas por estes (geralmente como sujeito) sobre o conteúdo proposicional dos enunciados que produzem. E, entre as dimensões semânticas em que pode incidir modalidade, estão atitudes, crenças, capacidades, possibilidades e necessidades (internas ou externas) dos indivíduos, obrigação, permissão e volição.” (TRAVASSOS, 2016, p. 21).

2 A preservação de face envolve uma tentativa constante de não ameaçar à imagem tanto do enunciador quanto do interlocutor numa situação comunicativa.

que não foi muito bem digerido até uma meningite! Tosse pode estar relacionada a algum problema pulmonar, refluxo gastroesofágico, sinusite, faringite, aspiração de objeto. Só com uma olhadinha você acha que é possível diferenciar uma coisa da outra? Eu não consigo. Se seu filho tem algum problema de saúde e por isso você procurou o pediatra, peça a ele que **avali**e o seu filho. **Avaliar** vai muito além de uma simples olhadinha, ok?! Faça um teste: peça ao arquiteto dar uma olhadinha na sua sala, ao advogado dar uma olhadinha no seu contrato, ao dentista dar uma olhadinha no seu dente, ao veterinário dar uma olhadinha no seu cachorro... E por falar em veterinário... um amigo meu comentou que esses dias foi a um pet shop e na parede estava escrito em letras bem grandes: CONSULTA – R\$ 80,00 / OLHADINHA – R\$ 160,00! Risos... Valorize a saúde de seu filho e o trabalho de seu médico, ok?! Falo isso, porque, mesmo pagando consulta, teve uma mãe que esperou um pouco mais do que deveria no plantão, entrou no consultório me xingando que eu estava demorando nas consultas e disse que plantão era só pra eu dar uma “olhadinha” nas crianças. Pára né. Comigo não. Se a consulta demorou é porque foi necessário um tempo a mais com aquela criança. Respeito é bom, e o pediatra também gosta! Abraços. Tio Thiago [<http://www.tiothiago.com/2009/09/so-uma-olhadinha.html>]

Na atividade 1, provavelmente, os discentes responderiam, majoritariamente, que a expressão “dar uma olhadinha” poderia ser substituída por “olhar”. No entanto, a escolha do enunciador é por “avaliar”, o que já mostraria, na prática, particularidades da construção e sentidos que esta instância. Daí percebermos diferenças de uso entre as duas expressões.

Há, ainda, a possibilidade de trabalhar a temática da variação a partir da questão 1, uma vez que a atividade provoca uma reflexão sobre usos de expressões diferentes: construções com verbo suporte e seus cognatos correspondentes com verbo simples em contexto semelhante.

Já a atividade 2 é centrada na exploração dos sentidos provocados pelo uso da construção com verbo suporte “dar uma olhadinha” ao texto. Espera-se que o aluno perceba que o autor critica o uso dessa expressão com o valor de brevidade do evento para fazer referência a eventos que demandam cuidado e atenção. Para tanto, faz uma série de analogias, por exemplo, com o cuidado demandado na supervisão do filho de uma outra pessoa e o atendimento de especialistas, como o arquiteto, o advogado, o dentista, o veterinário e o pediatra. Esses serviços não são executados rapidamente/superficialmente. Sendo assim, o valor mais adequado da perífrase verbo-nominal, nesse contexto, seria o valor modal, na medida em que faria referência a uma olhada cuidadosa, resultado de atenção e de preocupação com o outro. Evidência de que esse valor, defendido pelo autor, perpassa todo o texto e pode ser encontrada no uso do verbo predicador pleno “avaliar”, além do uso de outras expressões, como “temos que ficar atentos”, “a consulta demorou”, “foi necessário um tempo a mais”. A ideia central do texto é a busca da valorização e do reconhecimento de trabalhos/serviços tal como eles são: custosos, em termos de esforço e de dedicação.

Desse modo, com atividades como as aqui propostas, as quais poderiam ser adaptadas a outros gêneros textuais (mais ou menos formais, mais da oralidade ou mais da escrita), podemos explorar o uso da construção com verbo suporte a serviço da cons-

trução de sentido do texto. Assim, não usamos o texto apenas como mero pretexto, mas como uma fonte de reflexão sobre fenômenos da língua em uso.

8.6 QUER DAR UMA PESQUISADA MAIOR NO TEMA?

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português*. Revista SOLETRAS. 2014.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Predicar com construção com verbo suporte*. In: Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão (p. 91-112). 2018.

TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2009.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon. 2013.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. New York: Harp e Ruw. 1967.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. 1 ed. Rio de Janeiro: InFólio, 2003b, v. 1, p. 77-102. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~posverna/docentes/72873-2.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2010.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora. 2013.

TRAVASSOS, F. P. *Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou de outro valor?* Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.